

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de veículos que serão utilizados na segurança dos Jogos Pan-Americanos 2007

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2007

Sem discurso. Quero apenas comunicar a vocês uma coisa, gente.

Primeiro, quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

O ministro Tarso Genro,

O ministro Orlando Silva,

Cumprimentar o senador Marcelo Crivella, companheiro que tem nos ajudado nessa empreitada,

Os deputados Edson Santos, Filipe Pereira, Hugo Leal e Luiz Sérgio,

Cumprimentar o nosso companheiro Nuzman,

O nosso companheiro Luiz Fernando Corrêa, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, secretário nacional de Segurança Pública,

E quero cumprimentar, também, de Santa Maria, o José Mariano Beltrame, secretário estadual de Segurança Pública,

Quero cumprimentar o Eduardo Paes, secretário estadual de Esporte e Turismo,

Nossa companheira Benedita, secretária estadual de Assistência Social,

O nosso companheiro Hilário Medeiros, coordenador das ações de segurança dos Jogos do PAN,

O coronel Ubiratan Ângelo, comandante-geral da Polícia Militar,

Cumprimentar os companheiros que vieram a este evento tão significativo.

Quando o Rio de Janeiro ganhou a disputa para realizar o PAN, vocês sabem que isso não vem de graça, em uma disputa muitas cidades se apresentam, de toda a América Latina, dos Estados Unidos, do Canadá, e aí se começa a votar. O Rio de Janeiro, inclusive, disputou com outra cidade brasileira, São Paulo, e o Rio de Janeiro ganhou.

Bem, depois que o Rio de Janeiro ganhou, isso é como casamento. Quando a gente é namorado, tudo dá certo, tudo é maravilhoso, porque se encontra só uma vez por semana ou duas. Mas, depois que casa, a gente começa a perceber que o mundo não é tão azul como a gente imaginava, e começam a aparecer os defeitos que a gente não via quando namorava.

Bom, depois que nós ganhamos o PAN é que começaram os problemas. Quais os problemas? É que eu imaginava que, pelo fato de a gente ganhar, estava tudo pronto, não tinha que fazer nada, era só trazer os atletas aqui e começar o jogo. Meus caros, minhas companheiras, não é assim. Nós estamos investindo no PAN, entre governo estadual, governo municipal e governo federal, vai chegar a mais de 3 bilhões e meio de reais. É muito dinheiro.

E como é um evento internacional, só para vocês terem idéia, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos, terá mais de mil e quinhentos jornalistas estrangeiros. Portanto, é uma oportunidade extraordinária para que a gente não apenas ganhe o maior número de medalhas possível, mas para que a gente mostre, também, o lado bom do Brasil e o lado bom do Rio de Janeiro, porque, às vezes, a gente só vê desgraça. A gente precisa mostrar que é verdade que tem desgraça, mas tem muita coisa boa aqui no Rio de Janeiro que muitas vezes não é mostrada como deveria, sobretudo, o povo do Rio de Janeiro. Se o cidadão liga a televisão, a impressão que ele tem é que só tem bandido no Rio de Janeiro, quando, na verdade, o Rio de Janeiro tem 99% de homens e mulheres honestos, trabalhadores, que vivem ganhando o dinheiro à custa do seu suor, e muitas vezes isso não aparece.

O Nuzman dizia, e é uma verdade, que poucos países do mundo tiveram a oportunidade de fazer Jogos com praças esportivas com a qualidade das que nós vamos fazer. Vocês estão lembrados que logo no começo, quando nós começamos a construir, eu disse o seguinte: nós precisamos fazer uma coisa bonita e de qualidade, para que a gente comece a disputar o direito de fazer uma Olimpíada no Brasil, porque Olimpíada só acontece em país rico. E nós precisamos dizer que países que não são tão ricos quanto Europa e Estados Unidos merecem fazer uma Olimpíada, aqui no Brasil ou em outro país da América Latina. É preciso parar com essa mania de que nós não temos condições de fazer a coisa, de que nós não temos preparo para fazer a coisa. Nós temos mais do que eles. O que nós queremos é apenas a oportunidade de

sermos escolhidos.

Da mesma forma que nós estamos brigando para que a Copa do Mundo seja realizada no Brasil, em 2014. A última Copa do Mundo que aconteceu no Brasil, a maioria dos que estão aqui não eram nascidos, eu tinha cinco anos de idade, foi em 1950, quando nós perdemos a Copa do Mundo e inauguramos o Maracanã, que é uma obra tão extraordinária que já tem 57 anos e está aí, como uma das belezas mais importantes de tudo o que a gente conhece de campo de futebol no mundo. Não tem nada melhor do que o Maracanã. Pode ter mais sofisticado, ter novas tecnologias, a engenharia civil avançou muito, então, tem telhado de outro jeito, mas a força que tem o maracanã, a beleza do Maracanã, que dura 57 anos e está intacto, eu duvido que muitos estádios na Alemanha, feitos para a Copa de 2006, sejam iguais ao Maracanã.

Entretanto, de vez em quando você só vê críticas ao Maracanã e elogios aos outros, como se as nossas coisas não fossem boas. Eu penso o seguinte: se a gente não elogiar o que é da gente, você pode até ter defeito. Imaginem se a gente sai de casa todo dia falando mal da mulher da gente ou imaginem se vocês saem falando mal dos maridos. Se nós não cuidarmos do que é nosso, quem é que vai cuidar? E cuidar do PAN significa cuidar de segurança pública, porque houve um tempo, aqui no Rio de Janeiro e no Brasil, que era assim Serginho, vou dizer para você uma coisa de forma carinhosa, e eu sei que você não tem culpa, mas aqui no Brasil funcionava assim: quando a polícia prendia um bandido, tinha governador que corria, colocava terno e gravata para tirar fotografia junto com o bandido, dizendo que ele prendia o bandido. Aí, a segurança pública era da responsabilidade dele: “porque a minha segurança pública funciona”. Aí, quando ele não conseguia pegar o bandido, que matava e ia embora: “ah, porque o governo federal é que não ajuda”.

É preciso parar com essa história de ficar jogando a responsabilidade um no outro: “a culpa é do governador, a culpa é do prefeito, a culpa é do presidente, a culpa é do povo”. Não, a culpa, na verdade, é um pouco de cada um de nós. Não porque nós criamos o bandido, mas porque nós, no tempo certo, não investimos em educação, no tempo certo não cuidamos do nosso povo, e quando a gente não cuida para que os nossos adolescentes tenham uma boa qualidade de educação, tenham oportunidade de trabalhar, o crime

organizado oferece a oportunidade, com base no desespero que toca a cabeça do ser humano.

Então, o que nós estamos fazendo, aqui, é dizendo ao governador Sérgio Cabral e dizendo ao povo do Rio de Janeiro, que não tem responsabilidade desse ou daquele, que seremos parceiros nas coisas que acontecerem de ruim e nas coisas que acontecerem de bom aqui no Rio de Janeiro, porque todos, antes de tudo, são brasileiros e precisamos cuidar desse povo com mais respeito e com mais carinho, que é o que falta, muitas vezes, neste País.

Nós resolvemos, então, utilizar o PAN para tentar criar, aqui no Rio de Janeiro, um sistema de segurança pública que possa funcionar melhor do que em qualquer outro momento funcionou no Brasil, e tirar do Rio de Janeiro a experiência para que a gente possa fazer esse plano ir para outros estados. O Rio de Janeiro, na verdade, está funcionando como se fosse uma escola de formação de uma nova qualidade na segurança pública, para que daqui a gente possa levar esse modelo para outros estados da Federação, sobretudo, para os estados maiores, onde tem mais violência, onde o povo vive em situações precárias.

Quando nós resolvemos fazer o PAC e fazer um grande investimento em saneamento básico e urbanização de favelas foi porque é exatamente na concentração de muita gente, morando de forma inadequada, em condições inaceitáveis, com crianças repartindo o m² com ratos, crianças repartindo o m² com baratas, que se forma a cabeça violenta de uma criança que nasceu para não ser violenta, que nasceu para ser um homem ou uma mulher de bem mas, muitas vezes, as condições sócioeconômicas, as condições de moradia, levam as pessoas a descaminhos que nós não gostaríamos.

E o que nós estamos fazendo aqui, meus companheiros e companheiras? Nós estamos fazendo o seguinte: olhem, são 1.768 veículos, são 1.173 carros e utilitários, como aquele que vocês viram ali e esses que estão aí. Não estão todos aqui, ainda, obviamente. Segundo, são 357 motocicletas; terceiro, são 98 ônibus e microônibus, são 53 furgões adaptados, em que você tem bombeiro, mas você também tem furgões antibombas, blindados para enfrentar chumbo grosso. Depois você tem 40 ambulâncias,

tem 19 postos policiais móveis, 17 veículos especiais adaptados, 11 quadriciclos. O que é um quadriciclo? Moto de quatro rodas.

Pois bem, tudo isso que está sendo colocado aqui no Rio de Janeiro, mais os carros velhos, quebrados, que o Sérgio contou aqui que ele tem que jogar fora e comprar outros novos, porque não adianta nada, o bandido está roubando e o policial está consertando o carro. Aquele carro ali tem até computador, o nosso secretário de segurança vai ter dificuldade, porque é preciso tomar cuidado, se o policial gostar de fazer joguinho em computador, é capaz de o bandido estar roubando na frente dele e ele estar ali fazendo o joguinho. Então, vai ter que ter um computador para controlar o computador do policial, para ele não ficar dormindo no ponto.

Tudo isso, gente, vai ser para nós uma marca extraordinária. Nós precisamos tomar cuidado pelo seguinte: no PAN, vão vir muitos estrangeiros aqui, se acontece uma desgraça, o que vai acontecer? A imagem do Brasil vai para as “cucuias”, aí vão dizer: “não podemos fazer investimentos no Brasil, não podemos ter Olimpíadas no Brasil porque lá tem violência”. Então, nós precisamos cuidar do PAN, mas nós temos de saber que quando o PAN for embora, as instalações vão ficar para o povo do Rio de Janeiro. E mais ainda, para que o Rio de Janeiro tenha eventos esportivos o ano inteiro, a década inteira, e não apenas de quando em quando. Mais importante, ainda, os veículos vão ficar aqui, possivelmente se precisar de alguns para outro lugar, nós vamos fazer aqui... mas vejam que eu não falei nem dos helicópteros que estão aqui. Não adianta, porque para visitar determinados lugares tem que ter helicóptero para ver de cima, para poder acompanhar corretamente a pessoa que cometeu um delito qualquer.

Então, o que está acontecendo aqui no Rio de Janeiro é um marco histórico na área de segurança pública do Brasil. Agora, no trabalho que estamos fazendo em conjunto com o governador Sérgio Cabral, em que não tem disputa entre nós, ninguém quer saber de que partido é um ou o outro ou de qual religião. Ele é governador do Rio de Janeiro, tem responsabilidades com o Rio, eu sou presidente da República, tenho responsabilidade com o Rio, então, nós dois precisamos cuidar do povo do Rio de Janeiro, com carinho e com amor, como se estivéssemos cuidando dos nossos filhos, como se estivéssemos cuidando dentro da nossa casa.

Portanto, Sérgio, eu quero dizer a você, dizer ao seu secretário de Segurança Pública, dizer ao seu secretariado, que eu peço a Deus que ilumine a cabeça de cada um de vocês, que têm responsabilidade, para fazer isso aqui funcionar, porque se acontecer o que eu estou pensando que vai acontecer, e der certo como eu estou pensando que vai dar certo, nós teremos um novo modelo de segurança pública neste País e vamos poder diminuir substancialmente a violência no Brasil.

Por isso, Sérgio, eu poderia ter te dado um helicóptero ao invés de ter dado a chave do carro, mas com o helicóptero você pode causar um desastre aqui, derrubar o prédio que nem foi inaugurado ainda, e eu preferi dar um carro porque eu sei que você só sabe dirigir em dia de domingo, mal e mal quando não está chovendo, então, eu quero, Sérgio, dizer para vocês: olhem, é uma alegria poder contribuir com a segurança pública do Rio de Janeiro e, sobretudo, contribuir para que o Rio de Janeiro, que é uma obra de engenharia de Deus, extraordinária... Eu estava agora no Cristo Redentor e, na hora em que a gente olha lá de cima para o Rio de Janeiro, eu não sei se tem algum lugar do mundo em que Deus colocou tanta beleza como colocou no Rio de Janeiro.

Possivelmente, como o ser humano é pecador por natureza, a gente já tenha cometido pecados com o Rio de Janeiro, o que nós estamos fazendo agora é pedindo perdão, nos redimindo para tentar consertar o estrago que foi feito.

Muito obrigado e boa sorte Sérgio.